УДК 811.134.3 Mia Couto

Oksana Wronska, professora
Universidade Nacional Taras Shevchenko de Kiev (Ucrânia)

RIQUEZA E EXPRESSIVIDADE DA LINGUAGEM PUBLICISTA DE MIA COUTO NA *CARTA AO PRESIDENTE BUSH*

O artigo analiza os recursos morfossintáticos, lexicais e estilísticos usados na Carta ao Presidente Bush *do escritor moçambicano Mia Couto.*

***Palavras-chav**e: Mia Couto, hipérbole, repetição, recursos estilísticos, estilo jornalístico, funçao estilística.*

Tradicionalmente o interesse dos pesquisadores atuais concentra-se nas obras literárias do escritor moçambicano: romances e poesias dele. Porém, as intervenções na imprensa e nas cerimônias diferentes, entrevistas e artigos dele também representam uma fonte inesgotável para investigações científicas tanto para os linguistas como para os especialistas na comunicação e jornalismo.

As obras jornalísticas pertencentes à pluma das eminentes personalidades podem desempenhar um papel não menos importante do que suas creações artísticas, já que permitem: 1) abranger um amplo círculo das questões; 2) chegar à atenção de um auditório muito vasto; 3) não só informar os leitores sobre problemas mas também de um certo modo influir na inteligência e sentimentos dos leitores, formando assim uma valorização dos fatos e eventos tratados [Мороховский et alii 1991, 257].

Ao mesmo tempo, não podemos esquecer que a expressividade das obras jornalísticas tem um caráter muito peculiar, bem diferente daquela expressividade que podemos encontrar num texto literário. Como sublinham os autores do manual de estilos funcionais da língua russa [Кожин et alii 1982, 117], a expressividade como a propriedade construtiva do estilo jornalístico não serve para crear um sistema das imagens, como sucede na língua da literatura artística. As exceções desta regra só podem ser observadas nas obras concretas dos eminentes jornalistas-creadores.

Um exemplo de tal obra representa a *Carta so Presidente Bush*, escrita por Mia Couto e publicada em 27.03.2003 devido às preparaçãos da intervenção militar dos Estados Unidos ao Iraque.

Examinemos a estrutura da *Carta* e os recursos linguísticos (morfossintáticos, lexicais, estilísticos) que fazem dela um brilhante exemplo do estilo peculiar coutiano tanto pela sua forma, como pela influência sobre os leitores.

Como toda carta, esta também se inicia com apelação – Senhor Presidente – que é um dos marcadores da função apelativa da língua que serve para atraer a atenção do interlocutor e motivando-o a perceber e compreender a comunicação. Ao mesmo tempo, esta frase apelativa, repetida três vezes, divida o texto em três partes significativas: a primeira, que leva ao conhecimento do leitor o assunto a discutir e a história da questão; a segunda, a parte central, que argumenta a atitude do autor; e a terceira, que desempenha o papel de culminação do apelo. Além disso, a repetição da apelação, na forma inicial e na modificada (*Senhor Presidente, caro presidente, caro presidente Bush*) desempenha a função estilística de reforçamento emocional e lógico do significado do texto acentuando a atenção dos leitores nos momentos e etapas mais importantes da estrutura textual.

Agora analizemos as peculiaridades morfossintáticas da carta para detectarmos as peculiaridades caraterísticas do estilo jornalístico, de um lado, e do estilo pessoal de Mia Couto, de outro lado. Regra geral, nos textos jornalísticos predomina o estilo nominal. Podemos confirmar que na *Carta* também observamos uma abundância dos substantivos, tanto abstratos como concretos:

(1) *Os* ***Estados Unidos*** *foram a única* ***nação*** *do* ***mundo*** *que lançou* ***bombas*** *atómicas sobre outras* ***nações*** [Mia Couto].

(2) *Somos* ***alvos*** *dos* ***terroristas*** *porque, na maior* ***parte*** *do* ***mundo****, o nosso* ***governo*** *defendeu a* ***ditadura****, a* ***escravidão*** *e a* ***exploração*** *humana* [Mia Couto].

O uso dos **adjetivos** serve para enfatizar e embelezer o texto dando-lhe um caráter mais emocional e persuativo que permite influir sobre os leitores de uma maneira mais eficaz:

(3) *O bombardeamento incluiu o uso* ***massivo*** *de urânio* ***empobrecido*** [5].

(4) *Forças* ***americanas*** *treinaram e armaram fundamentalistas* ***islâmicos*** *mais* ***extremistas*** *(incluindo o terrorista Bin Laden) a pretexto de derrubarem os invasores* ***russos*** *no Afeganistão* [Mia Couto].

É interessante o uso do pronome possesivo *vosso* e pronome pessoal *vós* como forma de exaltação e respeito superior, que nesse texto tem um caráter irônico:

(5) *Sou um escritor de uma nação pobre, um país que já esteve na* ***vossa*** *lista negra. Milhões de moçambicanos desconheciam que mal* ***vos*** *tínhamos feito* [Mia Couto].

(6) *A nós, nações pequenos deste mundo, não nos passa pela cabeça exigir a* ***vossa*** *demissão por causa desse apoio que as* ***vossas*** *sucessivas administrações concederam a não menos sucessivas ditaduras* [Mia Couto].

No texto da *Carta* encontram-se diferentes modos e tempos verbais cujo uso se explica pelas regras da gramática normativa sem que tenham alguma nuança estilística, como podemos observar nas obras literários de Mia Couto onde são frequentes usos estilísticos, em primeiro termo, dos passados e antepassados. Assim, abundam no texto as orações com os verbos no **Presente do Indicativo**: (7) *O Iraque não é Saddam* [Mia Couto]; **Pretérito Perfeito Simples do Indicativo**: (8) *Como tantos outros fantoches, Mobuto Sese Seko* ***foi*** *por vossos agentes conduzido ao poder e* ***concedeu*** *faculdades especiais à espionagem ameticana: o quartel-general da CIA no Zaire* ***tornou-se*** *o maior em África* [Mia Couto]; **Pretérito Imperfeito do Indicativo**: (9) *Por exemplo, o nosso vizinho – o África do Sul do apartheid –* ***violava*** *de forma flagrante os direitos humanos* [Mia Couto]; **Pretérito Mais-que-Perfeito do Indicativo:** (10) *Milhões de moçambicanos desconheciam que mal vos* ***tínhamos feito*** [Mia Couto]; **Futuro Simples do Indicativo**: (11) ***Estaremos****, enfim, mais sós e mais desamparados* [Mia Couto]; **Presente do Conjuntivo**: (11) *Não quero que os meus filhos (nem os seus)* ***vivam*** *dominados pelo fantasma do medo* [Mia Couto]; **Futuro Simples do Conjuntivo**: (12) *E que só estarão seguros quando* ***se tiver*** *que gastar fortunas em armas* [Mia Couto]; **Condicional Simples**: (13) *O senhor bem sabe o que essa soma* ***poderia*** *ajudar a mudar*

o destino miserável de milhões de seres [Mia Couto]; **Imperfeito do Conjuntivo**: (14) *E eu exigia que os Estados Unidos da América* ***procedessem*** *à eliminação do seu armamento de destuição massiva* [Mia Couto]; **Voz passiva**: (15) *O regime de Saddam Hussein* ***foi apoiado*** *pelos EUA enquanto praticava as piores atrocidades contra os iraquianos (incluindo o gaseamento dos curdos em 1988)* [Mia Couto]; (16) **Oração reduzida de particípio**: ***Depois de preso e torturado e baleado,*** *o seu corpo foi dissolvido em ácido clorídico* [Mia Couto]; **Gerúndio**: (17) ***Explicando*** *a razão da sua renúncia, Halliday escreveu...* [Mia Couto]; **Infinitivo pessoal**: (18) *E que pensem, para* ***viverem*** *tranquilos, precisam de construir uma fortaleza* [Mia Couto]; **Perífrases verbais**: (19) *O seu país foi a única* ***nação a ser condenada*** *por "uso ilegítimo da força" pelo Tribunal Internacional de Justiça* [Mia Couto]*;* (20) *Mas a guerra contra o Iraque* ***não está para começar*** [Mia Couto]*;* (21) *Eu e mais milhoes de cidadãos não ficamos convencidos quando* ***o vimos justificar*** *a guerra* [Mia Couto].

Um aspeto muito interessante da *Carta* representa o vocabulário. É conhecido que toda palavra contém uma informação concreta, que é subdividida na denotativa, ou principal, e na conotativa, ou adicional. Embora a maioria das palavras só contenha informação denotativa, em certos contextos pode adquirir várias nuanças conotativas, das peiorativas às melhorativas [Мороховский et alii 1991, 93].

Os significados conotativos podem ser de quatro tipos: valorativo, estilístico-funcional, emocional, expressivo [Мороховский et alii 1991, 94].

O componente valorativo do significado expressa a atitude estável dos falantes ao denotado que se corresponde com a palavra conforme o esquema "aprovação – não aprovação". No texto da *Carta*, Mia Couto, falando sobre as "façanhas" norte-americanas, utiliza a palavra *massacrar* que, ao nosso ver, expressa muito bem a atitude pessoal do autor aos eventos descritos e sua aversão às "proezas" semelhantes:

(22) *Em 1953, a CIA ajudou a preparar o golpe de Estado contra o Irão na sequência do qual milhas de comunistas do Tudeh* ***foram massacrados*** [Mia Couto].

(23) *O vosso país albergou criminosos como Emmanuel Constant, um dos líderes mais sanquinários do Taiti, cujas forças para-militares* ***massacraram*** *milhares de inocentes* [Mia Couto].

O componente estilístico-funcional do significado emerge das associações constantes vinculadas com seu uso nas esferas concretas ou situações comunicativas, isto é, nas linguagens de ciência, dos documentos oficiais, na poesia, nos textos sociais e profissionais, nos artigos da imprensa, na comunicação coloquial quotidiana [Морохо-вский et alii 1991, 94].

No texto da *Carta* abundam termos políticos e militares, assim como os termos-neologismos das mesmas esferas. É curioso – já que para as obras literárias de Mia Couto são muito caraterísticos os neologismos creados pelo próprio autor – mas na *Carta* tais inovações estão quase ausentes. A única excepção encontra-se na última frase da *Carta* que é muito interessante não só graças à esta creação neologista, mas também devido a cada palavra e a própria estrutura sintática deste enunciado, assim como aos méios estilísticos utilizados:

(24) *Porque nós, caro Presidente Bush, nós, os povos dos países pequenos, temos uma* ***arma de construção massiva****: a capacidade de pensar* [Mia Couto].

Entre os termos podemos ver os vocábulos de várias estruturas: unimembres, bimembres, abreviações:

(25) *O regime de Saddam Hussein foi apoiado pelos EUA enquanto praticava as piores atrocidades contra os iraquianos (incluindo o* ***gaseamento*** *dos curdos em 1988)* [Mia Couto].

Aqui, o termo químico é representado por um neologismo devido à sua estrutura e forma. Neste contexto seria curioso examinar as possibilidades de traduzir este termo a várias línguas eslávicas, posto que é evidente a impossibilidade de expressar seu conteúdo numa só palavra, por exemplo, em russo ou ucraniano.

(26) *Acções de* ***terrorismo biológico e químico*** *foram postas em prática pelos EUS:* ***o agente laranja*** *e* ***os desfolhantes*** *no Vietname,* ***o vírus da peste*** *contra Cuba que durante anos devastou a* ***produção suína*** *naquele país* [Mia Couto].

Aqui vemos múltiples termos químicos, biológicos, políticos e económicos, de diferente estrutura e frequencia com a qual se usam na comunicação especial e quotidiana.

(27) *O **ANC** esteve também na lista negra como uma "organização terrorista"* [Mia Couto]*!*

Os termos secos desempenham aqui um enorme papel estilístico já que com uma imparcialidade científica desenham um quadro real das atrocidades cometidas.

O componente emocional das palavras corresponde à esfera de percepção emocional e sensual. Uma palavra emocional expressa a atitude do falante ao denotado que corresponde a esta palavra [Мороховский et alii 1991, 94].

(28) *Como tantos outros **fantoches**, Mobuto Sese Seko foi por vossos agentes conduzido ao poder* [Mia Couto].

Desde o ponto de vista do léxico usado por Mia Couto e os efectos estilísticos e ideológicos correspondentes, um interesse peculiar tem a locução estrangeira *"freedom fighters"* no seguinte fragmento:

(29) *Estranho critério que levaria a que, anos mais tarde, os taliban e o próprio Bin Laden fossem chamados de **"freedom fighters"** por estrategos norteamericanos* [Mia Couto].

Primeiro, é muito simbólico que a locução está escrita entre aspas e não é traduzida para português. As explicações podem, ao nosso parecer, ser as seguintes: próprio Mia Couto nunca chamaria de "lutadores pela liberdade" os islamistas fanáticos que tinham matado muitos civis, mulheres, crianças e anciãos, e tinham cometido inúmeros atos terroristas. Além disso, ao escrever estas palavras em inglês, o autor dá-nos a compreender que são palavras reais pronunciadas pelas autoridades norteamericanas, citadas aqui, no texto da *Carta*, para sublinhar sua verossimilidade. E também, ao nosso ver, as palavras *"freedom fighters"* entre aspas e escritas em inglês junto de nome de Bin Laden e dos taliban e dos estratergas norteamericanos, estão cheias de uma amarga ironia explícita e implícita em relação a hipocrisia e incompetência das autoridades e estrategas norteamericanos.

Mencionando a ironia nós passamos aos recursos estilísticos que ajudam o autor a cumprir a tarefa posta na hora quando ele decidiu escrever esta *Carta*.

Em geral, o escritor moçambicano é cochecido entre os leitores e críticos literários pelo manejo das palavras, sendo ele um dos mestres mais virtuosos da atual literatura universal. Entre os seus recursos estilísticos prediletos são, ao nosso ver, hipérbole, comparação e personificação [Вронская 2013]. Agora analizemos que recursos são característicos para seu texto publicista.

Segundo as nossas observações, no texto da *Carta* também, como nas obras literárias de Mia Couto, abundam hipérboles ou locuções e, inclusive orações, de caráter hiperbólico ou, melhor dizer, que poderiam parecer hiperbólicas a um leitor pouco enteirado desta questão.

A hipérbole pura encontra-se na *Carta* só por vezes, como nos seguintes exemplos:

(30) *A* ***maior ameaça*** *que pesa sobre a América não são os armamentos de outros. É o* ***universo de mentira*** *que se criou em redor dos vossos cidadãos* [Mia Couto].

(31) ***Acordei do pesadelo do sono para o pesadelo da realidade*** [Mia Couto].

Combinada com metáfora, com ironia, com personificação e com parcelação, a hipérbole adquere uma força pesrsuasível e uma expressividade ainda maior. A parcelação, nestes casos, faz com que o ritmo se afrouxe graças a que o leitor tem possibilidade de fazer uma pausa, pensar bem en mensagem do autor, tomar conta da importânica desta mensagem:

(32) *Pois eu sonhei que eu não era um homem mas um país. Sim, um país que não conseguia dormir. Porque vivia sobressaltado por terríveis factos. E este temor fez com que proclamasse uma exigência. Uma exigência que tinha a ver consigo, Caro Presidente* [Mia Couto].

No exemplo (32), a metáfora hiperbólica (*eu = país*), a personificação hiperbólica (*um país que não conseguia dormir*), o epíteto hiperbólico (*terríveis factos*), combinados com a ironia e a parcelação, fazem pensar bem na gravidade do problema plantado pelo autor e, em geral, naqueles "terríveis factos" e atrocidades, naqueles crimes contra a humanidade cometidos em nome da "democracia".

Mas, contudo, Mia Couto não abusa das hipérboles para não alterar os fatos e a fidelidade dos dados eximanidos e comunicados na *Carta*. Porém, a parcelação, personificação e metáfora são os

recursos mais frequentes nesse caso concreto. E é bem lógico: a parcelação é um recurso por excelência do jornalismo posto que ajuda a pôr acentos nos momentos mais importantes. Em sua vez, a personificação é tão característica para as línguas românicas que seria impossível para o autor prescindir dela:

(33) *Eram **factos** que **alimentavam** a minha confiança* [Mia Couto].

O texto da *Carta* contém várias passagens constituidas com ajuda das orações parceladas, graças a que cada oração se converte num pequeno foco que atrai a atenção dos leitores fazendo com que se detenham e pensem bem na mensagem do escritor moçambicano. O ritmo faz-se mais lento devido a que todo o texto adquere uma solenidade inusual:

(34) *Pois sonhei que eu era não um homem mas um país. Sim, um país que não conseguia dormir. Porque vivia sobressaltado por terríveis factos. E este temor fez com que proclamasse uma exigência. Uma exigência que tinha a ver consigo, Caro Presidente* [Mia Couto].

A combinação da parcelação com repetições ainda mais acentua a expressividade do texto e serve para os leitores memorizarem a mensagem do escritor. Além disso, um acerto de Mia Couto é, sem dúvida, a combinação de repetição e uso das palavras de uma mesma raíz que têm significados diferentes, sendo a última destas palavras mais forte e mais expressiva:

(35) *Somos alvos dos terroristas porque somos **odiados**. E somos **odiados** porque o nosso governo faz coisas **odiosas*** [Mia Couto].

Entre outros recursos interessantes podemos mencionar o uso dos antônimos para acentuar a falsedade e mediocricidade da administração norte-americana. Trata-se da citação do bispo americano Monsenhor Robert Bowan:

(36) *O senhor reclama que os EUA são alvo do terrorismo porque defendemos a democracia, a liberdade e os direitos humanos. Que absurdo, Sr. Presidente! Somos alvos dos terroristas porque, na maior parte do mundo, o nosso governo defendeu a ditadura, a escravidão e a exploração humana* [Mia Couto].

O contraste entre a democracia e a ditadura, a liberdade e a escravidão, os direitos humanos e a exploração humana é tão óbvio que o quadro da hipocrisia e da ausência total de competência e consciência se faz ainda mais expressivo e eloquente.

Outro recurso característico para o texto da *Carta* é eufemismo, mas usado nos contextos irónicos o que favorece a que os leitores sintam não só indignação das crueis verdades, mas também o desejo de rir dos "gênios" da geopolítica atual (não esqueçamos que a risa, segundo as palavras de Umberto Eco proferidas no seu famoso romance *Il nome della rosa*, é a melhor e a mais temível arma no mundo [Эко 2003]):

(37) *Mas o apatheid mereceu da vossa parte uma atitude mais branda: o chamado "**envolvimento positivo*** [Mia Couto].

(38) *Eu gostaria de poder festejar o derrube de Saddam Hussein. E festejar com todos os americanos. Mas sem hipocrisia, sem argumentação para consumo de **diminuídos mentais*** [Mia Couto].

Em geral, o análise dos recursos morfossintáticos, lexicais e estilísticos usados pelo escritor moçambicano no texto jornalístico permitiu-nos fazer as seguintes conclusões. O autor faz uso de todos os tempos verbais e construções que existem na língua portuguesa sem preferências algumas. O critério principal, ao nosso parecer, é correspondência às regras e normas da língua portuguesa contemporánea.

No nível lexical destacam-se as seguintes peculiaridades:

- Abundância dos **termos e locuções de caráter terminológico** que servem para enfatizar a veracidade e realidade dos fatos comunicados.
- Um número considerável das **palavras de caráter valorativo, emocional e expressivo** devido às quais o texto adquere uma maior expressividade e capacidade de influir ainda mais aos leitores e cumprir a função de persuadir e fazer propaganda.
- Uma variedade muito grande das **palavras e locuções estereotipadas e clichês**, o qué é uma caraterística eminente do estilo jornalístico.
- Uso dos **eufemismos** com valor estilístico marcado que em vez de suavizar certas ideias e noções, aqui, ao contrário, serve de um instrumento adicional da ironia, acentuando o espírito sarcástico da *Carta*.
- Entre as figuras retóricas cabe destacar as seguintes:
- **Ironia.** Toda a *Carta* está impregnada da ironia usada pelo autor para enfatizar o efeito sarcástico e natureza crítica da sua obra.

➢ **Hipérbole.** Um dos mais característicos recursos para obras literárias de Mia Couto que tem um enorme valor expressivo. Além disso, muito frequentemente encontram-se metáforas hiperbolizadas, hipérboles combinadas com parcelação e personificação. Serve para concentrar a atenção dos leitores nos momentos mais importantes da mensagem.

➢ **Personificação**. O recurso tão habitual que quase é impossível imaginar um texto escrito em línguas românicas que não contenha vários exemplos de seu uso. Porém, personificação, ao ser um recurso tradicional da linguagem poética, sempre dá vida aos fenômenos e objetos inanimados, embelezando assim a enunciação e cumprindo a função estética da língua.

➢ **Parcelação**. Recurso por excelência da linguagem jornalística serve para estruturar o texto, modificar o ritmo dele e cumprir a função principal do estilo: influir, fazer propaganda e formar opinião.

➢ **Repetição**. Intensifica a afirmação, mostrando o progresso e desenvolvimento lógico do pensamento e chamando a atenção dos leitores aos fatos concretos.

Em resume, cabe acentuar que a *Carta ao Presidente Bush* é um documento precioso, digno da pluma de um mestre eminente da literatura contemporânea como é Mia Couto, que corresponde a todos os requisitos do estilo jornalístico. Um documento rico em vários recursos em todos os níveis da língua que permite aos leitores não só concentrar sua atenção nos factos comunicados mas também apreciar manejo virtuoso da língua portuguesa. Além disso, é uma verdadeira "lição didactica" segundo a opinião dos jornalistas da Rádio Notícias [6]. E não só dada à administração norte-americana mas a todas as pessoas que não sabem on simplesmente não querem pensar.

BIBLIOGRAFIA

1. *Вронская О.* Образ гражданской войны в романе Миа Коуту "Терра Сомнамбула" / О. Вронская // Мовні і концептуальні картини світу. – К., 2013. – Вип. 2 (44). – С. 93–103.

2. Кожин А. Н. Функциональные типы русской речи / А. Н. Кожин, О. А. Крылов, В. В. Одинцов. – М.: Высшая школа, 1982. – 217 с.

3. Стилистика английского языка / А. Н. Мороховский, О. П. Воробьёва, Н. И. Лихошерст, З. В. Тимошенко. – К.: Выща школа, 1991. – 272 с.

4. *Эко У*. Имя розы / У. Эко. – СПБ: Symposium, 2003. – 632 с.
5. *Mia Couto*. Carta ao Presidente Bush [электронный ресурс] / Couto Mia. – Режим доступа к статье: http://www.novacultura.de/0304guerra2.html. www.tsf.pt/paginaInicial/Interior.aspx.

Стаття надійшла до редколегії 17.12.14

O. Wronska, assistant prof.
Taras Shevchenko National University of Kiev (Ukraine)

The Richness and the Expressivity of the Mia Couto's language in the *Carta ao Presidente Bush*

The article analyses morphological, syntactic, lexical and stylistics resources in the Carta ao Presidente Bus *by Mia Couto.*

Key-words: *Mia Couto, hyperbole, parcellation, repetition, stylistics resources, stylistics function.*

О. М. Вронская, ассист.
Киевский национальный университет имени Тараса Шевченко (Украина)

Богатство и экспрессивность языка Миа Коуту в "Письме к президенту Бушу"

В настоящей статье рассмотрены и проанализированы морфосинтаксические, лексические и стилистические средства, используемые мозамбикским писателем, публицистом, сценаристом, общественным деятелем Миа Коуту в эссе "Письмо к президенту Бушу".

Ключевые слова: *Миа Коуту, гипербола, парцелляция, повтор, стилистические средства, публицистический стиль, стилистическая функция.*

О. М. Вронська, асист.
Київський національній університет імені Тараса Шевченка (Україна)

Багатство та виразність публіцистичного мовлення Міа Коуту в "Листі до президента Буша"

Розглядаються морфосинтаксичні, лексичні та стилістичні засоби, які вживає мозамбіцький письменник Міа Коуту в своєму публіцистичному есе "Лист до президента Буша".

Ключові слова*: Міа Коуту, гіпербола, парцеляція, повтор, стилістичні засоби, публіцистичний стиль, стилістична функція.*